

Religiosidade e Organizações: Uma Análise Exploratória da Atuação da Adhonep no Contexto Gerencial

Sergio Stefan Barci (UNIMEP) sergio@artinox.com.br
Elisabete Stradiotto Siqueira (UNIMEP) betebop@uol.com.br
Valéria Rueda Elias Spers (UNIMEP) vrueda@uol.com.br

Resumo

Abordou-se neste artigo aspectos da religiosidade manifestada por empresários que participam de uma associação de pessoas de negócio denominada Adhonep que confessa ser cristã, evangélica e interdenominacional, e sua influência nos valores e na vida profissional dessas pessoas. Nossa ênfase no protestantismo conhecido como religião evangélica no Brasil deve-se ao seu notório crescimento que tem ocorrido a taxas duas vezes maiores que a taxa de crescimento populacional segundo dados do IBGE, o que tem aumentado o interesse em estudos sobre sua importância no cenário atual brasileiro. Segundo Mendonça (1984, p. 12) “o protestantismo brasileiro começa a ser estudado como realidade social.” Baseou-se nos estudos de Max Weber sobre a ética protestante, nas definições de religião, religiosidade e espiritualidade e na cultura organizacional relacionada a religiosidade para analisarmos o discurso desses empresários. Trata-se de um estudo exploratório, desenvolvido através de um estudo de caso e de pesquisa participante dado que além das entrevistas semi estruturadas os dados refletem nossa participação em diversas reuniões dessa associação, ocasião que foi possível estreitar contato com seus participantes, analisando suas falas quanto a influência da religião e da religiosidade na condução de seus negócios. Conclui-se que a religião interfere na condução dos negócios empresariais.

Palavras chave: Religiosidade; Cultura; Organizações.

1. Introdução

Abordaram-se neste artigo aspectos da religiosidade manifestada por empresários que participam de uma associação de pessoas de negócio denominada Adhonep (Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno) - que confessa ser cristã, evangélica e interdenominacional, com origem no protestantismo - e sua influência nos valores e na vida profissional dessas pessoas.

Nossa ênfase no protestantismo conhecido como religião evangélica no Brasil deve-se ao seu notório crescimento que tem ocorrido a taxas duas vezes maiores que a taxa de crescimento populacional segundo dados do IBGE, o que tem aumentado o interesse em estudos sobre sua importância no cenário atual brasileiro. Segundo Mendonça (1984, p. 12) “o protestantismo brasileiro começa a ser estudado como realidade social.”

Baseamos-nos nos estudos de Max Weber sobre a ética protestante, nas definições de religião, religiosidade e espiritualidade e na cultura organizacional relacionada a religiosidade para analisarmos o discurso desses empresários.

Trata-se de um estudo exploratório, desenvolvido através de um estudo de caso e de pesquisa participante dado que além das entrevistas semi estruturadas os dados refletem nossa participação em diversas reuniões dessa associação, ocasião que foi possível estreitar contato com seus participantes, analisando suas falas quanto a influência da religião e da religiosidade na condução de seus negócios.

Conclui-se que a religião interfere na condução dos negócios empresariais.

2. A religião cristã e o protestantismo

Neste item abordaremos aspectos relacionados à religião cristã e ao protestantismo e sua localização no cenário religioso.

A religião pode ser definida como um sistema qualquer de idéias, de fé e de culto, como é o caso da religião cristã, defensora de fé, doutrinas, cultos e rituais. (Revista Defesa da Fé, 2005, p. 15)

A religião cristã tem aproximadamente mais de 2,6 bilhões de seguidores no mundo segundo *Word Evangelization Reserch Center*, o que representa cerca de 33% da população mundial. Os cristãos católicos romanos representam aproximadamente mais de 1,1 bilhões no mundo, enquanto os protestantes ou evangélicos (não católicos) são mais de 900 milhões e os católicos ortodoxos são 219 milhões, segundo o mesmo estudo, disponível em: <http://www.globalchristianity.org/ibmrnote.htm> , acesso em 18/06/2005.

O termo protestante ou evangélico, neste artigo, se refere às igrejas nascidas e descendentes ou anteriores ao movimento protestante, todas cristãs, que tem a bíblia como único instrumento de fé e prática, com diversas denominações presentes no Brasil, sendo as históricas (mais antigas, centenárias, e originárias de outros países), Metodistas, Batistas, Presbiterianos, Congregacionais e Luteranos, as pentecostais (surgida nas duas primeiras décadas do século 20) como Assembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil e neopentecostais (surgidas na segunda metade do século 20), como Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, Internacional da Graça de Deus, Universal do Reino de Deus, Igreja Evangélica apostólica Renascer em Cristo e muitas outras. (MENDONÇA E VELASQUES, 1990, P 16, ss.)

As diferentes igrejas protestantes ou evangélicas fazem parte de um grande grupo de igrejas cristãs formadas pela reforma protestante ou anteriores à reforma, como dizem os batistas (MENDONÇA, 1990, P. 19), mas todas professam seguirem os passos de Jesus Cristo e por isso agrupamos estas como evangélicas. “Evangélico é o movimento teológico que remonta aos pré-reformadores e enfatiza a volta à bíblia como única regra de fé e conduta.” (Velasques, 1990, p. 82 in Mendonça, 1990) No Brasil, a grande maioria é oriunda dos movimentos de evangelismo, principalmente americano que trouxe sua característica de interdenominacionalidade (MENDONÇA, 1990, p. 32), ou seja, várias denominações sem vínculos burocráticos que as interligasse, por isso a imensidão de denominações.

Poderíamos dividir o cristianismo em duas grandes vertentes, a que aceita a bíblia como único instrumento de fé e prática (os protestantes ou evangélicos de maneira geral) e os que têm influências externas, como a tradição histórica e as encíclicas (Católicos). Algumas igrejas consideradas cristãs no Brasil e no mundo possuem livros particulares, ou seja, aceito apenas por determinada denominação, o que confere características particulares como os Mórmons, possuem o livro dos Mórmons, e as Testemunhas de Jeová, que tem uma versão ou tradução particular da bíblia, por exemplo, e segundo Mendonça (1990, p. 22) “apresentam um distanciamento em relação ao protestantismo e devem ser excluídos de qualquer estudo que tenha por objetivo o cristianismo reformado enquanto tal.”

O movimento evangélico remonta aos pré reformadores e enfatiza a volta à bíblia como único instrumento de fé e de conduta, posteriormente, a reforma protestante completa este retorno no século XVI com as traduções das escrituras para diversos idiomas e conseqüentemente, uma aproximação do leigo aos escritos sagrados do cristianismo. Esse movimento que se inicia na Alemanha, se espalha pelo velho mundo, chegando à Inglaterra e ao novo mundo, Estados Unidos pela colonização anglo-saxã. (VELASQUES, 1990, p. 82)

Segundo Mariano (1996, p. 25) o pentecostalismo, vertente dos evangélicos, vem crescendo rapidamente em diversas sociedades em desenvolvimento no sul do Pacífico, da África, do

leste e sudeste da Ásia. Na América Latina sua expansão tem sido ainda mais acentuada, ameaçando cada vez mais a hegemonia católica.

Esta tendência pode ser constatada nos dados do IBGE, disponível em: <http://www.semipa.org.br/brasil/censo2000/index.php> acessado em 18/06/2005, que nos mostra também que estimativamente hoje existem no Brasil mais de 35 milhões de evangélicos que representam aproximadamente um pouco mais que 19% da população brasileira.

Em 2000, o Censo Demográfico do IBGE contou 26.184.942 evangélicos no país e uma TCA (taxa de crescimento anual) de 7,43%. Isso significa que de 1991 a 2000 a cada ano houve um aumento em números de 7,43%.

Esta busca pela religião existente nos escritos sagrados do cristianismo, com uma leitura mais literal e menos alegorizada, originou no protestantismo uma doutrina menos mágica e mais racional¹, formulada, quase exclusivamente, com base no texto sagrado cristão. Esta característica é originária do credo judaico e contribuiu para a racionalização da vida econômica, como potencializador ao contrário do catolicismo potencialmente obstaculizador: “Enquanto o judaísmo abriu o caminho ao cristianismo, imprimindo-lhe o caráter de uma religião inteiramente inimiga da magia, prestou, com isso, um grande serviço à história da economia. Na realidade o império da magia, fora do âmbito do cristianismo, é um dos maiores obstáculos à racionalização da vida econômica. A magia vem estereotipar a técnica e a economia. (...) o capitalismo não pôde surgir de um grupo econômico fortemente influenciado pela magia” (WEBER, 1985, p. 171)

Nas igrejas evangélicas brasileiras com infinitas denominações também percebemos semelhanças em suas doutrinas fundamentais, separadas por pequenas diferenças rituais e pela legislação que determina que a instituição religiosa deva ter um nome possibilitando a separação legal para fins de fiscalização, etc., além de, na maioria dos casos, serem associações religiosas, assim como as instituições da Igreja Católica Romana tem diversas razões sociais e diferentes CNPJs no Brasil.

Os estudos de Weber, considerado um clássico por diversos sociólogos por pesquisa feita pelo jornal Folha de São Paulo (1999) serve de pano de fundo para nosso estudo, sendo tratado a seguir.

3. A ética protestante

Este termo foi utilizado por Max Weber em sua obra como uma das alavancas do espírito do capitalismo, o que abordamos agora para demonstrar um pouco dessa teoria que analisava as correntes do protestantismo e suas características que poderiam ter influenciado o desenvolvimento do capitalismo. Interessa-nos esse recorte da discussão, pois entendemos que poderemos encontrar aí uma das fontes explicativas de organizações religiosas de orientação à empresários vinculadas ao protestantismo.

Ferreira (2000) destaca que no ensaio histórico sociológico de Max Weber, este buscou vincular a economia capitalista ao conteúdo doutrinal do protestantismo – “este último caracteriza-se por uma racionalidade específica, para a qual concorreu a noção de trabalho como vocação e ascese intramundana, gerada no calvinismo². Sem postular uma causalidade estrita, o autor demonstra haver uma afinidade entre ambos.”

Segundo a interpretação weberiana, as virtudes cardeais são: a frugalidade, a laboriosidade, a pontualidade nos pagamentos e a fidelidade nos acordos – todas as quais aumentam o crédito e habilitam a fazer uso do dinheiro das outros. A peculiaridade dessa filosofia da avareza parece ser o ideal de um homem honesto, de crédito reconhecido e, acima de tudo, a idéia do dever de um indivíduo com relação ao aumento de seu capital, que é tomado como um fim em si mesmo. Nas palavras de Weber, “na verdade o que é aqui pregado não é apenas uma

simples técnica de vida, mas uma ética peculiar cuja infração não é tratada como uma tolice, mas como reconhecimento do dever.” (FERREIRA, 2000)

O fator econômico como elemento organizador de todas as estruturas sociais e culturais, inclusive a religião, defendido por Marx (1818-83), já foi contestado por alguns autores, entre eles, Wilhelm Dilthey (1831-911), Ernst Troeltsch (1865-923) e Werner Sombart (1863-941). Estes ressaltaram a influência das idéias e das convicções éticas como elementos determinantes ou organizadores, chegando à conclusão que o moderno capitalismo não poderia ter surgido sem uma mudança espiritual básica, como aquela que ocorreu nos fins da Idade Média. Weber contribuiu grandemente, na compreensão desse fenômeno ao formular sua tese de que a explicação para o fato deveria ser encontrada na íntima vinculação do protocapitalismo com o protestantismo, duas grandes mudanças ocorridas no mesmo período histórico. (Tragtenberg in Weber, M., 1985, p XII-III)

Os fatos analisados por Weber em que os líderes do mundo dos negócios e proprietários do capital, assim como os níveis mais altos de mão-de-obra qualificada, principalmente o pessoal técnico e comercialmente especializado serem preponderantemente protestantes, em sua época e analisando e comparando o capitalismo ocidental e o oriental (com presença de outras religiões dominantes, como Budismo, Taoísmo, Hinduísmo, e outras religiões asiáticas) levou o autor a sua conclusão final de que os protestantes, tanto como classe dirigente ou dirigida, como maioria ou minoria, sempre teriam demonstrado tendência específica para o racionalismo econômico, portanto, a razão desse fato deveria ser buscada no caráter intrínseco e permanente de suas crenças religiosas e não apenas em suas temporárias situações externas na história e na política. (WEBER, 1967)

Além da racionalidade metódica do protestantismo, Weber observa nas sociedades protestantes a existência da justiça proporcional ou meritória, e esta é o centro do sistema de mobilidade social no mundo protestante. Ou seja, os valores e talentos individuais devem ser cultivados pelo estado para que estes possam ser convertidos em energia positiva para o sistema. Essa forma de justiça distributiva seria a responsável última pelo individualismo oriundo do capitalismo moderno. Nesse sistema a livre iniciativa é altamente incentivada e premiada. (GOMES, 2002)

Weber (1967, p. 66) nos fala de uma semelhança na conduta moral dos protestantes apesar de suas diferentes denominações ou vertentes, Batistas, Luteranos, Anglicanos, Pietistas e Calvinistas. As diferenças existentes não eram suficientes para falar de um cisma ou impossibilidade de convivência entre as distintas denominações. Notamos semelhança ainda nos dias de hoje entre diversas denominações, com pregações de pastores de outras denominações nos cultos, por exemplo.

A influência da crença religiosa e sua prática na economia e sociedade analisada por Weber, nos possibilitam fazer um paralelo com a atualidade e com o ambiente das organizações modernas e suas práticas ou condutas éticas, tendo em vista a influência do protestantismo na vida moderna, principalmente no ocidente, o que pode ser considerado como a principal fonte de inspiração para a formação de ética e moral, princípios e valores de forma geral. Podemos ver isto materializado em instituições dos direitos fundamentais do homem. (OLIVEIRA FILHO, 1968)

O modelo de Weber (1930) baseado no conceito da ética protestante fundamenta nosso trabalho e compreensão da influência da religião sobre o trabalho e a organização. Para Bell (2004, p 70) “a tese central de Weber era de que os valores do protestantismo tiveram um impacto significativo sobre a forma capitalista de produção e, em especial, sobre o tipo industrial característico existente na Europa ocidental no século XIX.”

Um exemplo analisado por Weber sobre os valores do protestantismo foi a política dos Stuarts e da Igreja Anglicana que pretendia a criação de uma estrutura estamental de toda a

população, no sentido cristão social: uma estabilização dos estamentos para ressuscitar o sistema cristão baseado no amor. (WEBER, 1985, p. 164)

Segundo Weber (1967, p. 75), para os calvinistas, uma linha doutrinária do protestantismo, “o mundo existe para a glorificação de Deus”, caráter este “partilhado pelo labor especializado em vocações, justificado em termos de amor ao próximo” em prol da organização racional e “destinados a servir à utilidade da raça humana”.

O calvinismo defende que o homem é apenas o “administrador dos bens materiais que Deus lhe haja conferido”, censurando o prazer mundano ou profano, mas não admitia a fuga do mundo como no monastério, pois considerava como “missão religiosa de cada um a colaboração no domínio racional do universo. Deste critério deriva a nossa atual palavra “profissão” (no sentido de “vocação”), que só conhecem os idiomas influídos pela tradução protestante da bíblia.” (WEBER, 1985, p 174)

O “espírito do capitalismo” para Weber está intimamente relacionado com o labor vocacional secular e ascético do protestantismo, “um dos componentes fundamentais do espírito do moderno capitalismo, e não apenas deste, mas de toda cultura moderna.” (WEBER, 1967, p. 130)

Esse conceito de vocação como valorização do cumprimento do dever humano, desejado por Deus, dentro das profissões seculares, Weber encontra expresso nos escritos de Martinho Lutero (1483-546), tendo constatado como uma característica comum nas diversas vertentes do protestantismo. O calvinismo, com pensamento do tipo, “o trabalho constitui, antes de mais nada, a própria finalidade da vida” e com sua racionalização do mundo e eliminação do pensamento mágico como meio de salvação, influenciou o movimento da reforma protestante com sua tendência ascética. Os puritanos, segundo os quais, “a vida profissional do homem é que lhe dá uma prova do seu estado de graça para sua consciência, que se expressa no zelo e no método, fazendo com que ele consiga cumprir a vocação” são exemplos de pensamentos ascéticos demonstrados por Max Weber (1967, p. 123)

Weber (apud FERREIRA 2000) afirma: “esta racionalização da conduta dentro deste mundo, mas para o bem do mundo do além, foi a consequência do conceito de vocação do protestantismo ascético.”

Nesses exemplos, Weber demonstra que o ascetismo³ secular do protestantismo, em contraste com o catolicismo, não prejudicava a aquisição de bens e ajuntamento de riquezas, ou seja, não considerava um pecado o lucro, o que de certa maneira favorecia o desenvolvimento das atividades relacionadas ao capitalismo, como podemos ver neste texto; “libertava psicologicamente a aquisição de bens da ética tradicional católica, rompendo os grilhões da ânsia de lucro.”(WEBER, 1967, P. 122)

Originariamente, havia dois critérios distintos com referência ao lucro, de ordem interna e outro de ordem externa. Numa ordem interna, com respeito aos companheiros de tribo, de linguagem ou comunicação doméstica e vínculos com a tradição, existia uma relação piedosa e de ordem externa, sem barreiras éticas, absoluta eliminação de obstáculos para o afã de lucro, sendo uma moral com relação aos estranhos, destituída de piedade, menos avessa ao lucro. (WEBER, 1985, p.168)

O cristianismo não constitui um caso isolado de ascetismo, freqüentemente encontrado em outras religiões, “pois tal fenômeno é freqüente na história das religiões; isto permite avaliar a importância extraordinária do ascetismo” na sociedade daquela época estudada pelo autor. (WEBER, 1985, p. 173).

Nas comunidades ascetas protestantes, a admissão à comunhão dependia de um nível ético; este se identificava com a honorabilidade nos negócios. (WEBER, 1985, p. 175)

O conceito surgido e manifestado na Reforma Protestante do novo profissional, forneceu ao empresário da época uma experiência excepcionalmente boa, e, além disso, operários

disciplinados para o trabalho. (WEBER 1985, p. 175) Weber compara essas mudanças geradas pela reforma em importância semelhante à contribuição do Renascimento para o capitalismo.

A consideração do trabalho como instrumento de ascese e meio de preservação da fé e do homem deve ter sido a alavanca da expressão de vida constituída como o espírito do capitalismo, segundo Weber. (1967, p.122)

O protestantismo assim como o catolicismo não aceitou a influência da ciência em seus dogmas, por exemplo, o evolucionismo não foi aceito, defendendo o criacionismo de Deus em seus dogmas e mantendo suas crenças nos escritos sagrados do cristianismo até os dias de hoje. “Uma das realizações específicas do protestantismo consiste em haver colocado a ciência a serviço da técnica e da economia” (WEBER, 1985, p. 175) e não permitindo que ela, a ciência, mudasse os dogmas do protestantismo.

Desde que o ascetismo saiu dos mosteiros e começou a remodelar parte do mundo, influenciando a vida profissional dos Pietistas⁴, inicialmente, e depois os protestantes de maneira geral, interferindo na moralidade secular com um novo padrão de ascese, a ascese profissional, contribuindo fortemente para a formação da moderna ordem econômica, vimos o desenvolvimento da produção em massa, larga escala, que se utilizou dessa ascese para determinar o novo padrão produtivo no início da idade moderna, ou seja, um novo conceito de operário redimido de suas frustrações e determinado a fazer o melhor em seu trabalho. A partir daí, os bens materiais vêm assumindo uma força sobre os homens, e a ascese perdeu importância - a roupagem ético religiosa - e a procura de riquezas cada vez mais se associa com paixões puramente mundanas, que frequentemente lhe dão o caráter de esporte. (WEBER, 1967, p. 130-1)

Para Weber, a raiz religiosa do homem econômico moderno extinguiu-se, a religiosidade ascética foi substituída por uma “atitude pessimista-realista”, segundo o qual os vícios individuais podem ser considerados vantajosos para a coletividade. (WEBER, 1985, p. 175)

Segundo Bell (2004, p. 74) “uma das conclusões centrais de Weber foi que o espírito do capitalismo algum dia dominaria na forma de um ideal, e que as crenças religiosas seriam substituídas pela busca de riqueza e de bens.” A solução apontada por Weber estava na individualidade, no desenvolvimento de um sentimento de vocação e de dignidade existencial contidos numa ética pessoal, mediando a alienação do trabalho racional. Nesse particular, a criação de sentimentos internos de significado e virtude poderia resolver os dilemas que as condições do capitalismo criariam no indivíduo.

Estes sentimentos de significado e virtude podemos achar na espiritualidade humana e suas formas de religiosidade, e entendemos que, em alguma medida, organizações como a ADHONEP procuram resgatar justamente essa dimensão.

4. A espiritualidade e a religiosidade

Apesar do interesse da administração contemporânea pela espiritualidade, ainda carecem de definição os termos mais utilizados na área. Alguns autores definem, de forma abrangente, como qualquer valor religioso ou ético concretizado na forma de uma atitude, da qual nossas ações decorrem. (NEVARD, 1991, apud BELL & TAYLOR, 2004, p 66) Fairholm (1996, apud BELL, 2004, p. 66) sugere que a espiritualidade subentende uma relação com algo intangível, além do indivíduo.

Bell (2004, p. 66-7) esclarece que se deve fazer uma clara distinção entre espiritualidade e religião. As instituições religiosas não têm legitimidade para influir nas organizações, onde convivem diferentes religiões, credos e sentimentos de espiritualidade. Enquanto a “espiritualidade é um objeto válido para o interesse organizacional”, pois inclui àqueles que não são religiosos, mas possuem espiritualidade em maior ou menor grau, “salientando-se a

natureza imanente dessa relação baseada no reconhecimento e na realização do seu interior”. Há inúmeros exemplos recentes de empresas que procuram aumentar o grau de consciência espiritual de seus empregados com a introdução deliberada de práticas espirituais e culturais. Tanto no reino Unido como nos Estados Unidos, capelães corporativos ou industriais fornecem acompanhamento no local de trabalho em muitas companhias. Centros de meditação foram estabelecidos e grupos de estudo religiosos, entre eles da bíblia, são mantidos durante o expediente ou nas dependências da companhia.

Dentro das filosofias transcendentais, que formam a base de muitas religiões ocidentais, Deus é percebido como o “outro”, existindo fora das experiências humanas, enquanto nas religiões orientais, reforçam a teoria do Deus imanente, o Deus interior, interagindo com o indivíduo.

O respeito ao próximo, a liberdade de culto, a globalização, representam movimentos ou evoluções de valores éticos sociais expressivos, onde poderíamos basear uma tese de individualização da religiosidade ou espiritualidade, porque conduz este sentimento para uma esfera pessoal, para haver respeito ao próximo, idéia contrária, em alguns pontos, com a secularização da sociedade.

(incompleto)

5. A cultura e a espiritualidade nas organizações

A espiritualidade faz parte da dimensão simbólica que contribui na conformação de uma cultura organizacional que se manifesta nas organizações o que trataremos a seguir.

Segundo Schein (1987, apud A. Freitas, 1997, p 40), culturas nacionais, subculturas, assim como culturas organizacionais, são formados por pressupostos básicos, artefatos visíveis e outros conjuntos simbólicos, criando os valores de nosso cotidiano. Esses valores contribuem com a maneira de pensar, agir e sentir, desempenhando papel importante para as organizações.

Aktouff (1993, apud. A. Freitas, 1997, p 40) descreve a cultura como um complexo coletivo feito de “representações mentais” que ligam o imaterial - a vida simbólica e suas representações, ideologias e idéias - e o material - as estruturas econômicas, as técnicas, as estruturas sociais, as leis e normas. Esse mundo imaterial, onde está o conjunto de valores, crenças e símbolos que influenciam o comportamento do indivíduo diante de sua família, de seu trabalho e de sua organização, é gerado, alimentado e sustentado por elementos materiais. Nas organizações, esta simbiose do material e imaterial se concretiza, aflorando a cultura local, determinada pelo conjunto de crenças e valores declarados e percebidos pelos atores que formam a identidade da organização. Este complexo conjunto é influenciado pelas estruturas sociais, história, religiosidade, leis, moral, ou seja, todos os traços formadores desta subcultura.

Encontramos em nossa cultura, segundo A. Freitas (1997, p 45), o caráter de um povo formado por antagonismos entre duas culturas, a européia e a africana, a católica e a maometana, marcados pela plasticidade, flexibilidade e contrastes, que formam a sociedade brasileira.

Apesar da racionalização e da materialização do pensamento cartesiano, desde as escolas fundamentais, percebemos o papel e a influência da religiosidade em nossa sociedade através dos valores e princípios religiosos permeados em nossa sociedade, comprovando-se isto pelo gráfico 1, com alta taxa de crescimento da população evangélica.

Prates e Barros (1997, p 56) discutem a necessidade de compreender a “ação cultural” de forma integrada, observando os traços “culturais típicos” e “sua interação com outros traços, formando uma rede de causas e efeitos que se reforçam e alimentam”.

Estes traços culturais típicos são encontrados nas comunidades evangélicas pentecostais como aponta Martim, (apud Mariano, 1996, p. 43) que diversas virtudes e habilidades provêm da

participação do indivíduo nas igrejas pentecostais, ou seja, podemos observar certas características comuns que podem promover mobilidade social, ainda não muito percebida nos países Latinos segundo o autor.

Há inúmeros exemplos recentes de empresas que procuram aumentar o grau de consciência espiritual de seus empregados com a introdução deliberada de práticas espirituais e culturais. Tanto no reino Unido como nos Estados Unidos, capelães corporativos ou industriais fornecem acompanhamento no local de trabalho em muitas companhias. Centros de meditação foram estabelecidos e grupos de estudo religiosos, entre eles da bíblia, são mantidos durante o expediente ou nas dependências da companhia. (BELL & TAYLOR, 2004, p 67)

Portanto podemos supor que a ampliação da participação da população nas igrejas poderia também influenciar a prática desses sujeitos nas organizações que ele participa, pois a cultura da organização é uma teia de significados produzidos por seus agentes, e a dimensão religiosa seria uma dessas formas de produção de significados ou interpretação da realidade.

Pressupomos que seja possível encontrar traços de religiosidade em grande parte de nossas organizações, principalmente aquelas lideradas por religiosos, em maior ou menor grau de influência no cotidiano e que a religiosidade poderia servir também para reduzir as tensões ou conflitos gerados nas organizações, o que será tratado a seguir.

6. Metodologia

Procuramos neste estudo de caso descrever o discurso e as crenças de um grupo de empresários religiosos protestantes associados à uma associação e as conseqüências emanadas por este grupo nas empresas em que atuam.

Participamos de diversos encontros do grupo, em jantares, café da tarde e reuniões, como visitantes e convidados, ocasião em que realizamos entrevistas semi-estruturadas.

O estudo de caso para compreensão dos fenômenos culturais e sociais tem sido defendido por muitos autores. Weber defende que os sentidos contidos nas ações humanas não poderiam ser realizados por meio exclusivamente dos procedimentos metodológicos das ciências naturais, embora a rigorosa observação dos fatos (como nas ciências naturais) seja essencial para o cientista social.

Segundo Weber (1985, p. 173),

“quem queira, finalmente, estudar a influência de uma religião sobre a vida, precisa distinguir entre sua teoria oficial e aquele tipo de conduta efetiva que, na realidade, e, porventura, contra a sua própria vontade, concede prêmios neste mundo ou no outro.

Shein (1989, p 186) reconhece a importância da investigação de pequenos grupos como parte de um caminho para a compreensão da cultura organizacional:

“Se olharmos para as organizações num sentido evolucionário poderemos compreender que todas elas começam como pequenos grupos e continuam a funcionar, em parte, através de vários grupos pequenos. Assim é necessário entender a formação da cultura em pequenos grupos para entender como a cultura se desenvolve em grandes empresas através de subculturas de grupos menores dentro da organização.”

Procuramos neste estudo de caso a visão de quem está dentro da organização, participando assiduamente em todas as reuniões, observando os acontecimentos ao mesmo tempo em que ocorreram. Para Martim (apud Fleury, 1992, p 282) os métodos qualitativos procuram descrever a cultura do ponto de vista do indivíduo que está dentro dela (visão emic), ao contrário da perspectiva do indivíduo que está fora da cultura, como pesquisador (visão étic). Por uma questão ética, os nomes dos entrevistados e suas empresas não serão divulgados, uma vez que interessa perceber a dinâmica do discurso e como eles simbolizam a relação entre a religião e a empresa.

7. A Adhonet

A Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno (Adhonet) é uma associação de pessoas, homens, mulheres e jovens, presente em mais de 800 cidades no Brasil, cada uma com um grupo denominados de capítulos, fundada em 1952 pelo americano Demos Shakarian de origem armênia. (entrevista)

Cada capítulo tem diretoria própria que delibera sobre assuntos como pautas das reuniões e os eventos da associação durante o ano. Esses eventos são conhecidos como reunião plenária e jantares ou chás, que são consideradas reuniões de maior importância nos capítulos, onde há participação de maior número de pessoas. Anualmente se realizam convenções estaduais e nacionais, que são as maiores reuniões da Adhonet. (entrevista)

Confessam ser evangélicos, interdenominacionais, estando presente em diversas nações.

8. Análise dos dados

Utilizou-se neste item, textos em itálico, que se referem a transcrições das entrevistas, para diferenciar-se de eventuais citações bibliográficas.

Participam desta associação empresários, líderes de organizações e profissionais liberais, ou seja, pessoas investidas com poderes ou capazes de influenciarem nas decisões, e aparentemente, todos defendem a religiosidade e suas convicções religiosas como fundamentais na condução dos seus empreendimentos, inclusive expondo uma submissão aos conceitos e princípios bíblicos em suas decisões.

Estes indivíduos defendem a importância de suas convicções religiosas em suas vidas e procuram compartilhar com seus colegas de associação e com convidados.

“... nós compartilhamos que a pessoa, que o indivíduo, que o empresário, só pode ser feliz tendo Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Se alguém olhar de fora e falar: está falando de religião, nós falamos assim, olha: isso é o que nós cremos como vida, pra ser feliz tem que ter Cristo...”

A entidade não mantém vínculo com instituições religiosas e não constrange seus membros a participar de alguma denominação específica, esta escolha é pessoal, e a orientação é no sentido de procurar preferencialmente uma igreja evangélica onde a pessoa possa manifestar sua religiosidade.

“o máximo que podemos fazer, recomendar de uma forma muito incisiva, clara, entusiasmada que a pessoa busque um relacionamento maior com Deus através de uma comunidade que ele se adapte, que ele se sinta bem.”

Essa roupagem religiosa, encontrada na Adhonet, e constatada em algumas organizações relacionadas à essa associação, tem características similares como as encontradas por Weber em seus estudos. “A atividade social do cristão no mundo é primeiramente uma atividade *in majorem gloriam Dei*. Este caráter é assim partilhado pelo labor especializado em vocações, justificado em termos de amor ao próximo.” (WEBER, 1967, p 75)

“... porque é a esse Deus que devo submeter minha vida, é um Deus que reina e governa sobre tudo e sobre todos, ...”

Está implícito isso porque a associação preconiza isso pela sua visão, lembra, quando nós estamos falando de cristãos, a ética, a justiça, são valores que estão inseridos dentro da bíblia, entretanto, quer dizer, então cabe a responsabilidade de verdadeiros “adhonetianos”, mas eu preferiria até o termo, verdadeiros cristãos, darem o seu testemunho, através de fatos, práticas, de atitudes, de dados, eu acho que é a melhor forma de viver, então algumas pessoas que tem percebido isso e acreditado nisso tem compartilhado com outras, ramos de negócio, então seria possível os filhos ter empregos sem caixa dois, é possível, é possível, então é uma prática que ele na área dele tem, vamos dizer assim, disseminado essa prática.

Este *testemunho* tem vários significados, pois pode ser para as pessoas próximas, do convívio diário como também para Deus, pois como dito *Deus reina e governa*, então podemos supor que tudo que se faz é para ele, o que está implícito nas falas e discursos dos membros.

As questões morais, aparentemente, são tratadas como uma consequência da religiosidade, ou da intimidade com um Deus justo e correto, segundo o entrevistado, *a justiça, são valores que estão inseridos dentro da bíblia*, portanto esses princípios devem ser seguidos por aqueles que confessam essa fé.

Nas reuniões, esses princípios são testemunhados com discursos, palestras e conversas nas mesas e nos momentos de confraternização, ou seja, há um clima de amizade e compartilhamento das opiniões e práticas moralmente corretas.

Um amor fraternal cristão pode ser observado em falas de pessoas que participam da associação, um posicionamento amigável, disposto a compartilhar experiências, ouvir e cooperar com os participantes é perceptível nos discursos.

“Nós vamos compartilhar a vida, nós vamos lá bater papo, nós vamos ouvir um testemunho, um depoimento de vida de alguém que teve uma experiência que vale a pena ouvir,”

Esta associação com relacionamentos que se sobrepõe a critérios formais e regulamentos, é chamada de “tribalização ou familiarização” por Prates e Barros (1997, p. 57).

Esta familiarização e formação de rede de relacionamentos e de negócios como expôs o entrevistado, é bem vista e fomentada pela associação em suas reuniões.

“então é pra fazer bons negócios também, então assim como network, haverá rede de relacionamentos, se estabelece quem vai lá, freqüenta o capítulo onde esta mais ou menos tempo começa a se relacionar com aquela rede,”

A identidade religiosa parece manter este grupo, cristãos unidos para compartilhar experiência de vida com indivíduos que confessam a mesma fé e formam uma “família” com características semelhantes em diversas partes do mundo, uma rede onde problemas são tratados e muitas vezes resolvidos com participação do grupo.

“... eu vejo como o que mais me atrai na Adhonep como empresário, é que a Adhonep ela quer compartilhar valor, valor cristão com o mundo corporativo, o mundo empresarial numa linguagem adequada, ou seja, queremos falar das nossas crenças, dos nossos valores numa linguagem corporativa empresarial (...) nós temos o nosso capítulo uma pessoa na nossa diretoria que ele se dedica exclusivamente a atender pessoas que às vezes na falta de experiência estão apavoradas (...) então estão lá desesperadas com uma dívida pequena, com um funcionário que esta com algum problema, esta pessoa vai a muitas empresas e vai orar com aquele empresário, compartilhar com aquele empresário, possibilidades, metodologias, isso é uma ação que Adhonep faz para a comunidade regional.”

Esta socialização também é bem vista no Brasil, pois “o indivíduo isolado e sem relações é considerado como altamente negativo, um ser marginal em relação aos outros membros da comunidade”. (PRATES e BARROS, 1997, p. 60).

Sugerimos maiores estudos para constatações sobre a influencia da adhonep nas empresas de seus membros, pois se faz necessário maiores estudos para atestar a aplicação deste discurso ético e religioso percebidos nas reuniões.

9. Considerações Finais

No campo simbólico, parece-nos que a Adhonep responde a algumas expectativas colocadas na relação sociedade – organizações. O primeiro traço, que gostaríamos de apontar, diz respeito à identidade organizacional.

A precarização das condições de trabalho, a relação predatória com a natureza, a postura, às vezes imperialista, das multinacionais, foi provocando no imaginário social uma certa aversão ao mundo empresarial. De heróis a bandidos, os empresários deixaram de ser vistos como provedores e protetores dos recursos da sociedade para assumirem a figura de exploradores desleais.

Os empresários, enquanto sujeitos, providos de desejo, procuram em sua atividade, formas de romper com tal perspectiva. A construção de uma imagem alternativa passa a ser um esforço

planejado. A vinculação de uma organização com a Adhonet lhe transfere valores que norteiam a construção de sua identidade, é nessa vertente que apoiamos nossa hipótese.

Outra dimensão na qual tal ideário pode produzir interferências seria no estilo gerencial. Como vimos anteriormente, os gestores que optam pela Adhonet deveriam observar uma série de orientações que modelariam uma cultura administrativa⁵.

Os traços desta cultura colocam em um mesmo patamar a dimensão da produtividade, lucratividade e competitividade com a dimensão religiosa, contudo, esta última não se apresenta de forma explícita na organização, mas procura-se introjetar valores sem sua nomeação, ou seja, a cúpula da organização procura incorporar formas de ação que façam com que os funcionários percebam uma diferença no modo de agir.

Como a ação não é explícita, sua interpretação depende da referência de quem a recebe, assim, do ponto de vista dos funcionários, eles podem perceber a diferença, mas, por não conseguir nomeá-la, sofrem com a dúvida de estarem sendo tratados de forma distinta sem poderem identificar o fundamento deste tratamento.

Tais considerações nos levam a crer que, de fato, a Adhonet tem uma potencialidade de trazer mudanças para as organizações. Contudo, dificilmente poderíamos afirmar como tais mudanças poderiam melhorar a qualidade de vida geral da organização e dela com a sociedade.

A relação entre religiosidade e economia é outra vertente a ser abordada. Não nos propomos a desenvolver profundamente esta questão, mas apenas apontar um outro fio deste novelo já bastante emaranhado.

A Adhonet constituiria-se em uma tentativa de reconciliação entre economia e religião, procurando deslocar o eixo de despersonalização do dinheiro para Deus, ou seja, modificando o fim último do capitalismo do valor econômico para o homem. Ela seria uma possibilidade viável? Tal hipótese contraria nossa afirmação anterior que a Adhonet não traz mudanças na concepção econômica do mundo. Ainda assim, entendemos que este é um fenômeno merecedor de maiores estudos.

Sugerimos maiores estudos para constatações sobre a influência da Adhonet nas empresas de seus membros, pois se faz necessário maiores estudos para atestar a aplicação deste discurso ético e religioso percebidos nas reuniões no contexto das organizações, e desta vez ouvir seus funcionários e analisar mais profundamente os regulamentos e normas que conduzem a empresa.

10. Referências bibliográficas

Bell, E. & Taylor, S., *A exaltação do trabalho: o poder pastoral e a ética do trabalho na nova era*, RAE, vol. 44, nº44, abril-junho, 2004.

Davel, E. P. B. & Vasconcelos, J. G. M., *Gerencia e autoridade nas empresas brasileiras: uma reflexão histórica e empírica sobre a dimensão paterna nas relações de trabalho*, in Motta, F. C. P. & Caldas, M. P., organizadores, *Cultura organizacional e cultura brasileira*. Atlas, 1997, 320p.

Ferreira, F.; *Uma introdução a Max Weber e à obra "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo"*; revista Fides Reformata, volume 5/2, julho/dezembro, 2000.

Fleury, M., T. L., Shinyashiki, G. T. & Stevanato, L. A., *Arqueologia teórica e dilemas metodológicos dos estudos sobre cultura organizacional*, in Motta, F. C. P. & Caldas, M. P., organizadores, *Cultura organizacional e cultura brasileira*. Atlas, 1997, 320p.

Freitas, A. B. de, *Traços brasileiros para uma análise organizacional*, in Motta, F. C. P. & Caldas, M. P., organizadores, *Cultura organizacional e cultura brasileira*. Atlas, 1997, 320p.

Freitas, M. E. de, *Cultura organizacional. O doce controle no clube dos raros*, in Motta, F. C. P. & Caldas, M. P., organizadores, *Cultura organizacional e cultura brasileira*. Atlas, 1997, 320p.

Jornal folha de São Paulo, caderno mais, domingo, 11 de abril de 1999.

Mariano, R., *Os neopentecostais e a teologia da prosperidade*. Novos Estudos, CEBRAPE, n° 44, março 1996, p. 24-44.

Mendonça, A. G., *O celeste porvir*, ed. Paulinas, 1984, 267p.

Mendonça, A. G. & Velasques Fº, P., *Introdução ao protestantismo no Brasil*, edições Loyola, 1990, 279 p.

Motta, F. C. P., *Organização e Poder: Empresa, Estado e Escola*, Atlas, 1986, 144 p.

Motta, F. C. P. & Caldas, M. P., organizadores, *Cultura organizacional e cultura brasileira*. Atlas, 1997, 326p.

Oliveira Fº, J. de, *Origem cristã dos direitos Fundamentais do Homem*, forense, 1968. 75p.

Pradi, R., *Religião paga, conversão e serviço*; Novos estudos, CEBRAPE, n° 4, julho, 1996, p 64 – 77.

Prates, M. A. S. & Barros, B. T. de, *O estilo brasileiro de administrar*, in Motta, F. C. P. & Caldas, M. P., organizadores, *Cultura organizacional e cultura brasileira*. Atlas, 1997, 320p.

Revista Defesa da Fé, revista de Apologética do Instituto Cristão de Pesquisas, ano 10 (2005) – n° 74
www.icp.com.br

Schein, E. H., *Organizational culture and leadership: a dynamic view*. San Francisco: Jossey bass, 1989.

Weber, Max, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, tradução de Szmrecsányi, M.I. de Q. F. & Szmrecsányi, T. J. M. K., ed. Pioneira, 1967, 230p.

Weber, Max, *Textos selecionados*, tradução de Maurício Tragtenberg... [et. al.]; revisão de Cássio Gomes (Parlamentarismo e governo). 3ª ed. São Paulo: abril cultural, 1985.

Notas

¹ Para Weber uma ação é racional quando cumpre duas condições, quando é orientada para um objetivo ou conjunto de valores claramente formulados e consistentes ou quando os meios para se atingir os objetivos são os mais adequados. (Tragtenberg in Weber, M., 1985, p XI)

² Calvinismo foi o movimento dentro da reforma protestante iniciado por João Calvino (1509-1554) e difundido nos países capitalisticamente desenvolvidos a partir do século XVI. (FERREIRA, 2000)

³ Ascetismo – afastamento dos aspectos corpóreos e sensíveis do homem – no sentido de coisas mundanas ou profanas - , porém sem se afastar da vida social como fazem os monges, que se afastam completamente do convívio social e tem uma vida ascética completa.

⁴ Pietismo – movimento nascido na igreja Luterana alemã no séc. XVII, associado à Philip Spener (1635-1705).

⁵ A cultura administrativa é a expressão mais apropriada para dar conta da dimensão simbólica da vida empresarial e administrativa. O conceito não se restringe a um único tipo de instituição e focaliza a dimensão simbólica da tarefa de administrar, e não as instituições que a executam. “Poderíamos então definir cultura administrativa como o conjunto de lógicas e valores contextualizados de forma recorrente na maneira de administrar de diferentes sociedades”. (BARBOSA, 1999, p. 160)